

ORIENTE MÉDIO

Brasileiros sofrem para sair do país

Segundo cônsul-geral, muitos buscam meios para deixar o Líbano; os que estão no sul são o 'problema maior'

Gabriel Bueno

O cônsul-geral do Brasil em Beirute, Michael Gepp, vem trabalhando nos últimos dias para retirar brasileiros do Líbano. "Ainda tem muita gente querendo sair", diz ele. Os ataques israelenses dificultam – e em alguns casos, impossibilitam – a locomoção entre diferentes regiões do país. Para o cônsul, os brasileiros no sul são considerados o problema maior a ser resolvido.

O aeroporto de Beirute foi atacado, impossibilitando a saída por avião. Além disso, forças israelenses impossibilitaram a retirada por mar. Por terra, o problema são os bombardeios a estradas, que tornam arriscada a viagem para a Síria.

Gepp afirma, com dados de agências de turismo, que havia entre 300 e 500 brasileiros em viagem no Líbano antes do início do conflito. "Retiramos mais ou menos a metade deles", calcula. O número de brasileiros natos ou naturalizados no país é estimado pelo cônsul em 70 mil. Alguns brasileiros estão em casas de parentes, esperando o fim dos ataques. Outros passam por maiores dificuldades. "Muitos estão em hotéis e o dinheiro está acabando. Esses são nossa prioridade", disse o cônsul por telefone ao Estado.

Os brasileiros do sul têm recebido apoio da Cruz Vermelha, para deixar as cidades mais atacadas por Israel. "Eles estão sendo levados para cidades da vizinhança em que não correm perigo", diz Gepp.

Entre os que estão no Vale do Bekaa, no oeste, a dificuldade maior é chegar à Síria, apesar da pequena distância até a fronteira. "Em alguns pontos, a Síria fica apenas a 15 minutos de carro." Há a possibilidade, segundo Gepp, de aviões serem enviados para Damasco, para auxiliar na retirada dos brasileiros nessa região.

Gepp lembra que há muita dificuldade para os turistas contatarem o consulado. "Às vezes temos internet, às vezes não. As ligações telefônicas também estão muito difíceis, pois as linhas estão congestionadas."

Além dos bombardeios, a população tem enfrentado o aumento de preços de produtos e serviços que estão mais escassos ou perigosos para serem conseguidos. "Todo mundo quer ganhar dinheiro à custa da desgraça dos outros", comenta Gepp.

O cônsul-geral cita o exemplo do transporte de brasileiros, em ônibus, para aeroportos de outros países. "Anteontem, retiramos um grupo para Adana, na Turquia, e a empresa de transporte de ônibus cobrou US\$ 7 mil. Ontem, cobram pelo mesmo serviço US\$ 21 mil." Gepp diz que começa a fal-



DEBANDADA - Franceses se amontoam diante da Embaixada da França em Beirute enquanto esperam para serem retirados do Líbano

Diretor de teatro Jorge Takla não dá notícias há 2 dias

...O diretor de teatro e ópera Jorge Takla, que viajou para o Líbano acompanhado da mãe e da irmã para o funeral de seu pai, não dá notícias há dois dias, nem por celular nem pela internet, segundo amigos. Eles acreditam que o diretor, um dos mais prestigiados do Brasil, possa estar entre os brasileiros que deixaram Beirute ontem. A expectativa é que Takla e família tenham embarcado no avião da FAB que decolou ontem à noite de Adana, Turquia (ler ao lado). ● UBIRATAN BRASIL

tar farinha de trigo no país, e pode ocorrer a mesma inflação nos preços do pão, por exemplo.

O agente de viagens Khaled Fayed Mahassen, de 54 anos, é libanês naturalizado brasileiro e vive em São Paulo. Ele está com cerca de cem clientes brasileiros no Líbano, tentando sair do país. "Alguns estão com parentes e estão seguros", diz Mahassen. Seis dos clientes de sua agência, a Lynden, conseguiram chegar à Síria.

Com vários outros brasileiros, o agente não consegue se comunicar há dias. "Não consigo falar com meus clientes localizados no sul desde o dia 13." Mesmo os que chegam ao país

ESTRANGEIROS

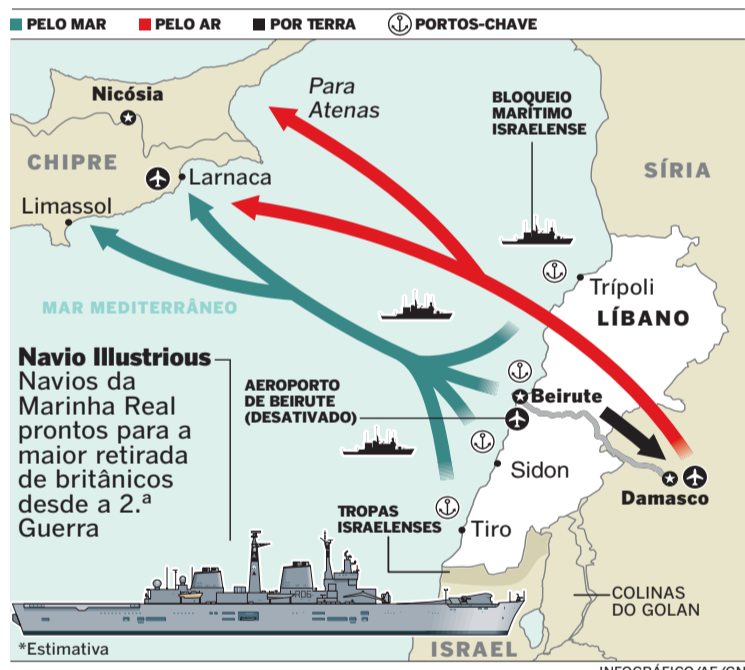
Planos de Retirada do Líbano

EUA, França, Grã-Bretanha, Brasil e outros começam a retirar seus cidadãos do Líbano

Principais nacionalidades no Líbano

Brasil	70 mil*	França	22 mil	Suécia	2 mil
Canadá	40 mil	Grã-Bretanha	10 mil	Bélgica	1.700
EUA	25 mil	Grécia	2.500	Itália	1.300
Austrália	25 mil			Alemanha	1.100

Rotas para retirada



vizinho tem dificuldades para se conseguir passagens aéreas, pelo aumento no número de pessoas buscando sair da região.

Mahassen, também correspondente da rádio libanesa Sawat al-Chaab, manteve contato ontem com a equipe da emissora,

que relatou as dificuldades enfrentadas. "Segundo eles, há falta de sangue nos hospitais." O abastecimento de comida e água ainda não foi afetado, mas há problemas também com a falta de energia elétrica. ●

Sucatóo deve chegar ao Brasil hoje de manhã

Um grupo de 122 brasileiros saiu ontem de Beirute e seguiu para Adana, Turquia. De lá, os interessados seguiriam para o Brasil num Boeing 707 da Força Aérea Brasileira chamado de Sucatóo na época em que servia à Presidência da República. A saída do Sucatóo estava prevista para as 21h15 de ontem, horário de Brasília, segundo o Itamaraty. O avião deve fazer escala no Recife às 11h30 de hoje, seguindo depois para São Paulo e Rio.

Entre os passageiros estão os pais do marido e duas sobrinhas de Andrea Nascimento, administradora de empresas de São Paulo. Ela ainda não está totalmente tranqüila, mas se sente mais aliviada. Os quatro saíram da cidade de Zahle, onde moram, e chegaram em segurança a Beirute, para ir até a Turquia. "Tranqüila mesmo só vou ficar quando puder falar com eles, ter certeza de que está tudo bem", disse Andrea. ● G.B., LEONENCIO NOSSA E LUCIANA ALVAREZ

Paulistas deixam o norte de Israel com medo de ataques

Gabriel Toueg
ESPECIAL PARA O ESTADO
JERUSALÉM

Circular pelo norte de Israel causa uma impressão ambígua sobre o clima que predomina na população. Há quem entre em pânico e os que, acostumados com a repetição dos conflitos na região de fronteira com o Líbano, nem sequer se preocupam em ligar a televisão para acompanhar as notícias.

Desde o início da crise entre Israel e o Hezbollah, o cenário na fronteira é devastador. As pessoas estão dentro das suas casas, seguindo instruções da defesa civil. O silêncio chega a incomodar. Os poucos veículos que circulam são viaturas policiais e do corpo de bombeiros, ambulâncias e carros militares.

Quando a estudante Priscila Medina da Costa, de 20 anos, de Campinas, veio para Israel, em janeiro, ela buscava diversão, aprender idiomas e conhecer mais sobre a história de Israel. Ela se ofereceu como voluntária e foi enviada em maio para o kibutz Bar'am, perto do Líbano.

Priscila conta que desde o início da crise dois tanques do Exército passaram a proteger a entrada da comunidade agrícola. "Agora há mais, mas não nos deixam ver exatamente qual é a situação", diz, muito assustada.

Depois de ouvir mísseis Katiusha cortando o céu e caindo em locais próximos, ela decidiu deixar o kibutz e está desde domingo em Jerusalém. A cidade, afastada da fronteira, acabou sendo considerada por muitos como um porto seguro.

A paulistana Gladis Lichewitz Girsh, no país há 12 anos, foi mais longe. Depois que mísseis Katiusha caíram durante o fim de semana em locais nunca antes atingidos na cidade onde mora, Nahariya, ela, o marido israelense e os três filhos viajaram para Tel-Aviv e estão planejando ir hoje para uma vila que fica a 100 quilômetros do extremo sul do país.

"Nahariya virou cidade fantasma, não há supermercados abertos e os fornecedores se recusam a chegar", contou, por telefone. A também paulistana Gilly Halevi, que vive perto da fronteira há 17 anos, disse que tem escutado os mísseis, mas nem se incomoda. Apesar da recomendação para que a população se proteja em abrigos, Gilly sequer acompanha as notícias. "Não há perigo aqui", garante. ●

Artigo

Israel tenta recuar e inimigos se enfurecem

David Brooks*

Por que esta crise no Oriente Médio é diferente de todas as outras crises no Oriente Médio? Porque em todas as outras crises no Oriente Médio os principais rivais de Israel eram a Organização de Libertação da Palestina (OLP), Egito, Iraque e Síria, mas nesta crise os principais rivais são os jihadistas do Hamas, Hezbollah, Síria e, mais importante, Irã. Em todas as outras crises os malucos estavam na marginalidade, mas agora os malucos estão no governo e lideram facções de grandes partidos.

esforços de Yasser Arafat, eram donos da própria causa, mas agora os clérigos do Irã tomam o controle da causa palestina e a transformam em arma numa luta muito mais ampla.

Em todas as outras crises, havia um processo de negociação, uma série de planos e alguma esperança de reconciliação. Mas esta crise é diferente. O Irã não faz mapas da estrada. Os jihadistas que conduzem esta crise não praticam reconciliação.

Em outras palavras, esta crise é um retorno ao conflito elementar entre Israel e os que buscam destruí-lo. E podemos dizer adeus, pelo menos por enquanto, a algumas das características das últimas crises.

Podemos dizer adeus ao fascinante jogo de xadrez conhecido como processo de paz no Oriente Médio. Esta partida dependia de uma série de jogadores árabes inteligentes e sensatos com os quais Israel podia ne-

gociar. Esses interlocutores inteligentes e sensatos ainda existem. Ainda convidam visitantes ocidentais para jantar e ainda podem representar a maioria de seus compatriotas. Mas não estão mais dirigindo o espetáculo.

O Irã levou a cabo uma aquisição semi-hostil daquela que costumava ser conhecida como a disputa árabe-israelense. Aprofundou o apoio a seus parceiros terroristas. O Irã e os fundamentalistas islâmicos são alimentados pela sensação de que os ventos da História sopram em suas costas. Eles expulsaram os soviéticos do Afeganistão, os EUA do Líbano, Israel do Líbano e de Gaza, e parecem prestes a expulsar os EUA do Iraque. Depois de séculos de humilhação muçulmana, essas pessoas sabem como vencer.

Assim, o Hamas e o Hezbollah determinam com audácia o passo do confronto. Talvez os moderados ainda acabem re-

primindo os radicais (para tudo há uma primeira vez), mas enquanto isso não acontecer não haverá processo de paz. Não haverá diplomacia de mediação. Em vez disso, o principal modo de comunicação será a morte: o minuto de disparos de mísseis e retaliações, escaladas e reduções que os inimigos irreconciliáveis usam para falar um com o outro.

Também podemos dizer adeus à mentalidade da troca de terras por paz.

Em todas as outras crises havia a esperança de que, se Israel cedesse territórios e desse aos palestinos uma chance de levar vidas normais, as tensões diminuiriam. Mas esta crise surge depois de retiradas do Líbano e de Gaza e interrompe as retiradas da Cisjordânia que estavam no centro da plataforma de Ehud Olmert.

Os principais inimigos de Israel nesta crise não são partidos e governos normais que

agem em nome de seu povo. São organizações jihadistas que obtiveram controle de territórios para estabelecer bases de operações. O Hamas e o Hezbollah sabiam que seus seqüestros e disparos de foguetes motivariam retaliações que atingiriam os moradores de Gaza e do Líbano, mas atacaram mesmo assim – em nome da jihad. Eles respondem a uma autoridade maior e sonham com o genocídio em seu nome.

O que aconteceu nos últimos anos, em resumo, é que a opinião pública em Israel migrou para o centro, enquanto o poder de tomada de decisões do outro lado migrou para o extremo.

Agora se discute como Israel deveria responder à situação. Alguns dizem que o país deve ser comedido, para que os árabes comedidos possam encerrar os extremistas, o que seria um ótimo conselho se os moderados já tivessem feito is-

so alguma vez ou tivessem alguma capacidade de fazê-lo num futuro próximo. Outros dizem que Israel deve simplesmente destruir as capacidades de seus inimigos fanáticos.

Mas esta é uma questão secundária. A questão central é que, justo quando Israel tentou recuar para fronteiras mais sensatas, seus inimigos ficaram completamente furiosos e descontrolados. Por meio de alguma combinação de impotência e passividade, o mundo árabe cedeu o controle desta área vital ao iraniano Mahmoud Ahmadinejad e ao sírio Bashar Assad. Entregou o próprio destino a pessoas que não acreditam em liberdade, democracia, tolerância ou qualquer outro valor que os povos civilizados estimam. E qual é a resposta do mundo? A de que Israel está reagindo com exagero. ●

*David Brooks é colunista do jornal 'The New York Times'